



# AH

## ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 69  
2017

---

ENCONTRO  
LISBOA RIBEIRINHA MEDIEVAL E MODERNA  
— DADOS ARQUEOLÓGICOS

---



# A ARQUEOLOGIA DO INTERFACE NOS MEIOS HÚMIDOS DA CIDADE DE LISBOA: UM BALANÇO

---

José Bettencourt<sup>1</sup>, Cristóvão Fonseca<sup>2</sup>, Inês Pinto Coelho<sup>3</sup>, Gonçalo Lopes<sup>2</sup>, Patrícia Carvalho<sup>3</sup>, Tiago Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup> CHAM e Departamento de História, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

<sup>2</sup> CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; Bolseiro de Doutoramento da FCT

<sup>3</sup> CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

## Resumo

As zonas ribeirinhas têm características especiais. São ao mesmo tempo o início e o fim, o acesso ao mar para quem está de partida e o acesso a terra para quem está de chegada. Esta simples posição condicionou significativamente a ocupação humana daquele espaço, tornado porto, onde se concentram ainda hoje estruturas específicas e onde se movem gentes diferentes, locais e de fora, envolvidas em actividades comerciais, militares ou de exploração de recursos aquáticos.

Neste artigo faz-se um balanço sobre a evolução da paisagem ribeirinha de Lisboa a partir dos contextos arqueológicos descobertos naquele espaço, abordam-se as evidências associadas ao comércio e à navegação e, por último, os restos dos navios que frequentaram o seu porto. Em homenagem a Maria Luísa Blot, fonte de inspiração permanente para os autores.

**Palavras-chave:** Lisboa, Arqueologia ribeirinha, Navios, Porto, Comércio.

## Abstract

The waterfront areas have special features. They are at the same time the beginning and the end, the way to the sea for those who are leaving and the way to land for those who are arriving. This simple position has conditioned the human occupation of that space, which become a port, where specific structures are still centered today and where different people, both local and foreign, are involved in different activities: commercial, military or in the exploration of aquatic resources.

In this paper, a review is made regarding the evolution of the riverside landscape of Lisbon from the archaeological contexts discovered on that space, the evidence associated with trade and navigation and, finally, the remains of the ships that have visited its port. In honor of Maria Luisa Blot, permanent inspiration for the authors.

**Keywords:** Lisbon, Waterfront archaeology, Ships, Port, Trade.

## 1. INTRODUÇÃO

As zonas ribeirinhas têm características especiais. São ao mesmo tempo o início e o fim, o acesso ao mar para quem está de partida e o acesso a terra para quem está de chegada. Esta simples posição condicionou significativamente a ocupação humana daquele espaço, tornado porto, onde se concentram ainda hoje estruturas específicas e onde se movem gentes diferentes, locais e de fora, envolvidas em actividades comerciais, militares ou de exploração de recursos aquáticos.

Esta dimensão, espacial e humana, é sobretudo visível nas cidades portuárias, como mostrou a investigação de Maria Luísa Pinheiro Blot (2003). Os portos estiveram muitas vezes na origem das cidades, foram o seu centro; num país litoral, estudar a sua estrutura é contribuir decisivamente para compreender a nossa história.

Os estudos portuários têm larga tradição, nomeadamente em Portugal, tocando áreas como a história, a geografia ou a geologia (Amorim *et al.*, 2002; Polónia, 2008; Polónia, 2010). Em Portugal, o estudo arqueológico dos portos é mais recente, tendo os trabalhos de Maria Luísa Pinheiro Blot lançado a temática. A sua tese de mestrado enquadra as problemáticas e apresenta um guia para várias zonas do país (Blot, 2003). O estudo de Maria Luísa alarga-se depois à dimensão anatómica das estruturas ribeirinhas (Blot e Henriques, 2011), numa fase em que estas análises ainda eram raras, abrindo caminho à investigação desenvolvida na última década em Lisboa. Este artigo discute as várias problemáticas de investigação que podem e têm sido analisadas a partir dos dados obtidos nesta área (Figura 1)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Este artigo retoma outras sínteses já publicadas anteriormente (Bettencourt *et al.*, 2017; Bettencourt *et al.*, 2018).

## 2. A EVOLUÇÃO DA FRENTE DE RIO E A ESTRUTURAÇÃO DE UM PORTO

Estudos multidisciplinares mostram que a paisagem ribeirinha de Lisboa se encontra há muito em mutação devido a processos naturais e antrópicos. Sondagens geológicas efectuadas na baixa de Lisboa, por exemplo, documentam que o enchimento do esteiro da baixa, iniciado à cerca 8700 BP, apresenta uma sequência estratigráfica com pelo menos 40 m, numa primeira fase de origem natural, até aos +/- 10 m, quando a alteração na paisagem começa a ser dominada por acção antrópica (Almeida, 2004). As alterações de origem antrópica estão especialmente bem documentadas em cartografia e documentação escrita durante as épocas Moderna e Contemporânea (Durão, 2012).

Nas últimas décadas, uma abordagem interdisciplinar em várias intervenções, de geologia e arqueologia, permitiu obter novos dados sobre a evolução da frente de rio em épocas históricas. O espaço ocupado pela nova sede da EDP, em Santos, é um bom exemplo. A escavação reconheceu três realidades cronológicas distintas: a Fábrica de Gás da Boavista, que laborou entre a década de 1840 e os primeiros decénios da centúria seguinte; o aterro da Boavista, uma das maiores obras públicas de oitocentos a nível nacional; e os vestígios associados à frente fluvial da antiga praia da Boavista, nos quais se englobam os dois navios da Boa Vista, assim como materiais relacionados com actividades portuárias, de ancoragem ou desembarque (Sarrazola *et al.*, 2014; Fonseca *et al.*, 2016a; Bettencourt *et al.*, 2017).

Os vestígios mais antigos, anteriores ao aterro da Boavista, surgiam em quatro unidades sedimentares identificadas numa sondagem geológica (EDP1). Esta revelou que a Unidade 1 foi depositada em ambiente subtidal de baixa energia até ao século XVII; a Unidade 2 a uma alteração abrupta neste padrão de sedimentação, de mais alta energia, relacionada provavelmente com uma tempestade extrema que ocorreu em 1724 e/ou com o *tsunami* de 1755; e as Unidades 3 e 4 a um retorno às condi-



mentação com maior influência fluvial e antrópica surge nos contextos intertidais (Costa *et al.*, 2017).

São também múltiplos os vestígios materiais que documentam a crescente estruturação da frente ribeirinha da cidade de Lisboa, durante uma longa diacronia, mas com particular enfoque durante toda a época moderna. Estes contextos são diversos, mas podem ser divididos em dois grandes grupos. Por um lado, temos estruturas de suporte e os aterros que ganharam espaço ao rio. Por outro, temos os vestígios de estruturas portuárias ou de embarcações que frequentaram o porto de Lisboa.

O estudo sistemático dos aterros da zona ribeirinha de Lisboa, tema de outras áreas de investigação (Durão, 2012), está ainda por fazer, embora estes sejam frequentes a nível parcelar, tendo surgido em quase todas as intervenções efectuadas. A sua materialização incluiu muitas vezes a construção de cofragens em madeira (Blot e Henriques, 2011), a possível reutilização de navios como base (Bettencourt *et al.*, 2017) e depósitos heterogéneos, com blocos, cascalho e objectos diversos, muitas vezes em bom estado de conservação. São exemplo a colecção de cerâmica escavada num aterro da primeira metade do século XVI do Corpo Santo (Vale, 2015) ou os aterros dos séculos XVI e XVII do Campo as Cebolas (Simão *et al.*, 2017). Falta no entanto entender as dinâmicas de formação destes aterros, que em teoria podem resultar quer de depósitos contemporâneos quer da acumulação sucessiva ao longo do tempo de dejectos urbanos.

As infra-estruturas portuárias – desembarcadouros, cais, rampas, molhes e estaleiros – encontram-se materializadas em múltiplas soluções adaptadas às características do terreno e à natureza funcional das mesmas. Os vestígios mais antigos que poderão ser associáveis a um contexto portuário foram identificados durante a construção do Hotel Eurostars Museum, nos antigos Armazéns Sommer. Aqui, atingindo níveis freáticos, os trabalhos arqueológicos permitiram identificar estruturas da Idade do Ferro construídas sobre depósitos aluvionares: um sólido paredão que protegia e delimitava a área urbana da margem, uma rampa de acesso ao rio e em

redor uma zona de ensecadeira, que em alturas de maré baixa poderia ampliar a extensão da rampa. Estes vestígios poderão enquadrar-se na denominada Idade do Ferro Orientalizante (Ribeiro *et al.*, 2017, p. 243-244; Arruda, 2008, p. 15).

Existem também alguns contextos arqueológicos de época romana que contribuem para o reconhecimento do interface aquático da cidade romana de *Olisipo*, tais como os vestígios identificados no Pátio do Ministério da Marinha (Marques e Santos, 2000), junto à Avenida da Ribeira das Naus, na Praça do Município (Quaresma *et al.*, 2017), na nova sede do Banco de Portugal (Rocha *et al.*, 2013), na Praça D. Luís I, interpretado como um contexto com funções portuárias – fundeadouro ou desembarcadouro (Parreira e Macedo 2013; Parreira e Macedo 2016; Fonseca *et al.*, 2013) – e na nova sede da EDP, em Santos (Quaresma *et al.*, 2017).

Todos estes sítios correspondem a depósitos acumulados em ambientes intertidais ou subtidais, mas é também importante o reconhecimento de estruturas construídas perto da linha de costa, nomeadamente as que estão associadas à exploração dos recursos marinhos, como são os conjuntos de cetárias do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (Bugalhão, 2001) ou da Casa dos Bicos (Amaro e Cardoso, 2017), entre outros (para uma síntese ver: Fabião, 2009).

Já em época moderna, os vestígios directos de infra-estruturas portuárias multiplicam-se. Várias fontes históricas indicam a existência de numerosos desembarcadouros naturais, na praia, ou em cais em pedra e madeira, em zonas regularizadas, localizadas sobretudo entre a Ribeira das Portas do Mar (actual Campo das Cebolas), a Oriente, e Belém, a Ocidente (Gomes, 2014, p. 81). As suas evidências têm surgido frequentemente durante o acompanhamento arqueológico de obras na zona ribeirinha, documentando várias técnicas de construção, em pedra e madeira, sobretudo dos séculos XVIII e XIX.

As estruturas em pedra são por vezes imponentes. Na área ocupada pela Ribeira das Naus e pelo Arsenal da Marinha até ao século XX, foram recentemente colocados a descoberto, em várias inter-

venções, os vestígios da Doca Seca e da Doca das Caldeirinhas (Nascimento, 2013). No Campo das Cebolas foram identificados vários cais em pedra, com alicerces em estacaria de madeira (Simão *et al.*, 2017, pp. 1901-1914)<sup>2</sup>, solução também registada no Cais da Moeda e no Cais do Forte de São Paulo, identificado na Praça D. Luís I, por exemplo (Gomes, 2014, pp. 6-37), ou no Terreiro do Paço, onde foi reconhecido um cais e um paredão com funções portuárias, construídos em meados do século XVII e utilizados até ao terramoto de 1755 (Neves *et al.*, 2013). Os vestígios da Doca do Sacramento, construídos em Alcântara em meados do século XVII foram igualmente registados durante o acompanhamento da construção do novo Hospital da CUF (Rosa *et al.*, no prelo).

As estruturas em madeira são menos comuns, mas no Boqueirão do Duro foi descoberto recentemente um complexo, com um possível cais palafítico e várias zonas de armazenamento de madeiras em pré-forma e outras desmanteladas de embarcações, algumas surgindo reutilizadas nas próprias estruturas portuárias (Macedo *et al.*, 2017, pp. 1915-1924). Refiram-se também duas estruturas localizadas mais a ocidente. Na antiga Praia do Restelo (Belém/Junqueira) foram identificados restos da Rampa dos Escaleres Reais da Cordoaria Nacional construída no último quartel do século XVIII, em funcionamento até meados da centúria seguinte como “Carreira de Estaleiro”, para varar embarcações (Ponce *et al.*, 2017). Em Alcântara, a área Hospital da CUF revelou um possível molhe/ quebra-mar construído na praia, com enrocamento em pedra suportado por uma estrutura em madeira (Rosa *et al.*, no prelo).

As estruturas para a construção, reparação e logística naval também ocupavam uma vasta zona ribeirinha de Lisboa. Entre os séculos XIII e XV, as Terrenas Régias ocupariam um espaço situado entre a

---

<sup>2</sup> Uma segunda fase de intervenção no sítio revelou mais cais em pedra e um paredão, com cronologias que vão do século XVI ao XIX, e uma estrutura em madeira, possível cais (comunicação pessoal de Catarina Garcia).

actual Praça do Município e parte da Rua do Arsenal (Silva, 2017, p. 288-289 e 366), mas D. Manuel promulgou em 1515 uma provisão régia, na qual reservava as áreas ribeirinhas, desde a praia de Cata-que-farás até Santos, às actividades de estaleiro. O espaço dedicado às construções régias apenas foi vedado mais tarde, a partir de 1546 (Costa, 1994, p. 38), mas foi dominado numa fase inicial pela Ribeira das Naus, onde se construíam e reparavam desde pequenos navios até às grandes naus da Carreira da Índia (Costa, 1997). As evidências mais directas de construção naval nesta área, cuja fase oitocentista inclui a doca seca (Dique do Arsenal) e a Doca da Caldeirinha já referidos, correspondem a madeiras para navios pré-trabalhadas, que se encontravam armazenadas na actual Praça do Município. Estas nunca chegaram a ser utilizadas, apresentando uma cronologia que poderá remontar nalguns casos à Idade Média, aos séculos XIII – XIV, de acordo com as datações por Carbono 14 (Alves *et al.*, 2001; Alves, 2002), mas esta hipótese parece pouco provável se considerarmos a grande dimensão de algumas peças, mais adequadas ao que se esperaria de uma construção de navios de grande porte, de Época Moderna.

As evidências de outras estruturas relacionadas com a construção e reparação naval existentes em Lisboa correspondem a duas grades em plano inclinado descobertas na zona ocidental, a primeira no Largo Vitorino Damásio (Santos, 2006), a segunda registada recentemente na Praça D. Luís I, com uma cronologia que deverá estar situada na segunda metade do século XVII ou inícios do XVIII (Sarrazola *et al.*, 2013, pp. 141-146; Sarrazola *et al.*, 2014, pp. 111-116).

### 3. COMÉRCIO E NAVEGAÇÃO

A arqueologia das zonas de interface também documenta actividades mercantis e a navegação desde pelo menos a época romana.

No Pátio do Ministério da Marinha, junto à Avenida da Ribeira das Naus, uma intervenção arqueológica realizada em 1995 permitiu detectar uma

unidade estratigráfica associada ao antigo leito do Tejo numa cota absoluta de -3,25 m, com materiais cerâmicos onde se destaca pelo seu número o material anfórico (Dressel 14, Dressel 7-11, Keay XVI, Dressel 20, africana) e *terra sigillata* africana (Marques e Santos, 2000).

Em 1997, na Praça do Município, foi identificado um nível de cascalheira (cujo topo se situava à cota absoluta de -0,50 m) onde foram recolhidas cerâmicas, entre as quais *terra sigillata* sudgálica e africana, cerâmica africana de cozinha e abundante material anfórico com os tipos Maña C2b, Dressel 1 do Tirreno, Dressel 14, Lusitana 3, Almagro 51C, Haltern 70, Dressel 7/11, Dressel 20, Keay XVI e ânforas africanas inclassificáveis (Quaresma *et al.*, 2017).

A intervenção arqueológica realizada mais recentemente no Banco de Portugal permitiu a recolha de um conjunto bastante mais vasto de materiais arqueológicos romanos, onde se destacam mais uma vez as ânforas lusitanas, embora surjam também produções béticas: Dressel 14, Dressel 20, Almagro 51C, Lusitana 3, Almagro 50 e Keay XVI. Refira-se ainda uma considerável presença de *terra sigillata*, mais de metade africana, mas também hispânica e sudgálica, e cerâmica africana de cozinha (Rocha *et al.*, 2013; Santos, 2015).

Na Praça D. Luís I foi identificado um contexto com funções portuárias (fundeadouro ou desembarcadouro), abaixo do nível médio do mar (entre as cotas -3,6 e 3,85m), onde se registaram materiais exclusivamente de época romana com cronologias entre o século I a.C. e o século V. Reconhecem-se várias produções, entre *terra sigillata* sudgálica, hispânica, africana D, paredes finas e cerâmica comum, sendo o conjunto anfórico predominante, com as formas Dressel 14, Lusitana 3, Almagro 51C, Almagro 50, Dressel 1, Haltern 70, Dressel 20, Keay XVI, Gauloise 4, Africanas II ou III e os tipos 4.2.1.1 e 8.2.1.1 de Ramón Torres (Parreira e Macedo 2013; Parreira e Macedo 2016).

Os trabalhos de arqueologia realizados em Santos durante a construção na sede da EDP revelaram uma sequência arqueológica com uma cronologia entre as épocas romana e contemporânea. Os ma-

teriais romanos foram recolhidos em níveis associados ao fundo estuarino e correspondem quase exclusivamente a ânforas. Registou-se uma concentração na zona oeste, a uma cota -3.85 ao nível médio do mar, destacando-se uma ânfora Dressel 14 quase completa. Refira-se ainda a presença das formas Dressel 1A, Lusitana 3, Almagro 51C, Dressel 20, Keay XVI, Africana IIA e IIIB (Quaresma *et al.*, 2017).

As evidências directas de contactos comerciais na época moderna incluem vários contextos descobertos durante a construção na nova sede da EDP em zona de fundeadouro/desembarcadouro, ainda em estudo. Entre estes encontram-se pratos e escudelas em loiça esmaltada a branco sem decoração ou com decoração a azul (Azul Linear) e botijas, possivelmente provenientes de oficinas andaluzas dos séculos XVI e XVII, cerâmica vermelha da região de Aveiro e um conjunto muito coerente de majólicas italianas. Este grupo, que poderá corresponder a parte de uma carga perdida durante uma manobra portuária mal sucedida, inclui vários pratos em majólica marmoreada (*maioliche marmorizzate*) e majólica grafitada policroma (*graffita policroma a punta*). A utilização portuária daquele espaço nos séculos XVII e XVIII legou variados fragmentos de faiança portuguesa ou numerosos cachimbos, neerlandeses e ingleses, grés renano com decoração incisa, moldada e pintada a azul-cobalto de *Westerwald*, garrafas de vidro britânicas do século XVIII ou porcelanas chinesas.

#### 4. NAVIOS

A zona ribeirinha revelou também vários restos dos navios que frequentaram o seu porto. O vestígio naval mais antigo identificado em Lisboa corresponde a uma peça de um navio de época romana recuperada durante os trabalhos de escavação arqueológica na Praça D. Luís I. A peça encontrava-se num contexto portuário, onde se registaram materiais que datam entre o século I a.C. e o século V, acima descritos. As medidas, a morfologia e o sistema de fixação sugerem que fez parte da estrutura de um

navio da antiguidade clássica<sup>3</sup>, podendo corresponder a uma peça longitudinal, tábua de forro ou quilha (Fonseca *et al.*, 2013).

Os outros vestígios são de época Moderna, incluindo dois navios de tradição ibero-atlântica. O primeiro corresponde ao pequeno troço da popa de uma embarcação de pequeno porte, descoberto no Corpo Santo com uma cronologia entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI (Alves *et al.*, 2001; Bettencourt *et al.*, 2017). O melhor preservado é o navio do Cais Sodré, datado por radiocarbono da segunda metade do século XV ou dos inícios do XVI (Rodrigues *et al.*, 2001; Rodrigues, 2002; Castro *et al.*, 2011, pp. 241-242).

Para épocas mais recentes, de finais do século XVII ou inícios do XVIII, há a referir os dois navios da Boa Vista, descobertos durante a construção na nova sede da EDP, que apresentam várias técnicas nunca antes documentadas em Portugal. No navio Boa Vista 1, de médio porte, destacam-se várias características comuns à construção naval mediterrânica, como a utilização de uma quilha compósita com troços ligados por encosto topo a topo e a presença de escarvas de dente. De maior dimensão, a estrutura do navio Boa Vista 2 é muito distinta e embora apresente técnicas muito comuns na época não encontra paralelos claros noutros casos conhecidos em Portugal. Ambos têm características que indiciam uma protecção para águas quentes, nomeadamente a utilização de um sobrecostado nas obras vivas (Bettencourt *et al.*, 2017).

O registo arqueológico de embarcações fluviais também tem sido documentado em vários sítios, nas escavações do Campo das Cebolas, no Boqueirão do Duro e em Alcântara, ainda numa fase inicial da investigação (Macedo *et al.*, 2017; Bettencourt *et al.*, 2017).

De referir igualmente várias peças de navios

---

<sup>3</sup> O sistema de fixação tem paralelos, quanto ao padrão, em navios da fase final da época romana, entre os séculos IV e VII, no entanto, a grande dimensão das mechas poderá remeter para a problemática da construção naval romana adaptada ao Atlântico, para a qual não são conhecidos contextos até à actualidade (Fonseca *et al.*, 2013, p. 1187).

desmantelados reaproveitadas em estruturas ribeirinhas, nomeadamente na grade de maré da Praça D. Luís I, na Avenida D. Carlos I, em cofragens relacionadas com o aterro da frente do rio (Blot e Henriques, 2011, p. 138) ou no Boqueirão do Duro (Macedo *et al.*, 2017). O seu estudo exaustivo poderá contribuir para caracterizar os navios que aportavam a Lisboa.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arqueologia das zonas ribeirinhas constitui uma oportunidade para entender a estruturação das cidades portuárias, necessariamente interdisciplinar, porque interessa a áreas como a história, a geologia ou a paleoecologia, por exemplo.

Os vestígios de ancoradouros/ desembarcadouros permitem estudar as dinâmicas da navegação desde a época romana, constituindo uma evidência directa da cultura material que circulou no porto de Lisboa.

Os navios, estruturados ou em elementos isolados, constituem uma fonte importante para o estudo da construção naval de época moderna, documentando a sua evolução, até à data, desde pelo menos o século XVI.

Em conjunto, constituem marcadores da evolução da paisagem ribeirinha, mostrando estratégias distintas de construção da frente-mar e o desenvolvimento de uma paisagem cultural marítima, com múltiplas dimensões, que apenas começou a ser revelada pela arqueologia.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Isabel Moitinho de (2004) – Caracterização geológica do esteiro da Baixa, *Monumentos: Revista semestral de edifícios e monumentos*, Nº. 21, pp. 152-157.

ALVES, Francisco; RIETH, Éric; RODRIGUES, Paulo (2001) – The Remains of a 14<sup>th</sup> century shipwreck at Corpo Santo, and of a shipyard at Praça do Município, Lisbon, Portugal. In ALVES, Francisco (ed.) – *Proceedings. International Symposium on Archaeology of Medieval and Modern Ships of Iberian-Atlantic Tradition. Hull remains, manuscripts and ethnographic sources: a comparative approach*. Trabalhos de Arqueologia, 18. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 405-426.

ALVES, João (2002) – *Approche archéologique d'un chantier naval médiéval. La découverte des vestiges d'architecture navale de la Praça do Município, Lisbonne (Portugal)*. Dissertação de Mestrado apresentada na Université de Paris I – Sorbonne.

AMARO, Clementino; CARDOSO, Guilherme (2017) – A alimentação em Lisboa na época romana através das ânforas da Casa dos Bicos. In SENNA MARTÍNEZ, João Carlos; MARTINS, Ana Cristina; MELO, Ana Ávila de; CAESSA, Ana; MARQUES, António; CAMEIRA, Isabel (eds.) – *Diz-me o que comes... a alimentação antes e depois da cidade*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Direcção Municipal de Cultura / Departamento de Património Cultural / Centro de Arqueologia de Lisboa; Sociedade de Geografia de Lisboa / Secção de Arqueologia, pp. 55-65.

AMORIM, Inês, POLÓNIA, Amélia e OSSWALD, H. (2002) – *O Litoral em Perspectiva Histórica (séculos XVI a XVIII): Um ponto da situação historiográfica*, Actas, Porto, FLUP/IHM-UP.

ARRUDA, Ana Maria (2008) – Fenícios e púnicos em Portugal: problemas e perspectivas, in VITA, J. P.; ZAMORA, J. Á. (eds.): *Nuevas perspectivas II: la arqueología fenicia y púnica en la Península Ibérica* (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 18). Barcelona: Universidad Pompeu Fabra, pp. 13-23.

BETTENCOURT, José; COELHO, Inês Pinto; FONSECA, Cristóvão; LOPES, Gonçalo; CARVALHO, Patrícia e SILVA, Tiago (2018) – “Entrar e sair de Lisboa na Época Moderna: uma perspectiva a partir da arqueologia marítima”. *Actas do 2.º Seminário “Meios, Vias e Trajetos: Entrar e sair de Lisboa”*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, pp. 136-151.

BETTENCOURT, José; FONSECA, Cristóvão; SILVA, Tiago; CARVALHO, Patrícia; COELHO, Inês Pinto; LOPES, Gonçalo (2017) – Navios de Época Moderna em Lisboa: Balanço e Perspectivas de Investigação. In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da (coords.) – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma Cidade em Escavação*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 479-495.

BLOT, Maria Luísa (2003) – *Os portos na origem dos centros urbanos: contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal*. Trabalhos de Arqueologia, nº 28. Lisboa: IPA.

BLOT, Maria Luísa; HENRIQUES, Rui (2011) – Arqueologia Urbana e Arqueologia do Meio Aquático. A problemática portuária como “ponte” entre dois territórios de investigação. In BICHO, Nuno (ed.) – *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular: História, Teoria e Método da Arqueologia (Promontoria Monográfica 14)*. Faro: Centro de Estudos de Património. Departamento de História, Arqueologia e Património / Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, pp. 127-140.

BUGALHÃO, Jacinta (2001) – *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo*. Núcleo Arqueológico dos Correeiros. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

BUGALHÃO, Jacinta (2005) – Lisboa “Sempre” Ribeirinha. In *Al-Madan*, II série, nº13. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 151-154.

CASTRO, Luís Filipe; YAMAFUNE, Kotaro; EGINTON, Coral; DERRYBERRY, Thomas (2011) – The Cais do Sodré Shipwreck, *International Journal of Nautical Archaeology*: 40 (2), pp. 328-343.

COSTA, Ana M.; FREITAS, M. Conceição; LOPES, Vera; ANDRADE, César; BUGALHÃO, Jacinta; BARROS, Pedro (2017) – Reconstrução paleoambiental da margem norte do rio Tejo através da análise *multiproxy* de sedimentos recolhidos em contexto de obra com achados arqueológicos. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea (coords.) – *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 765-780.

COSTA, Ana Maria; FREITAS, Maria Conceição; INÁCIO, Miguel; FATELA, Francisco; LOPES, Vera; ANDRADE, César; CACHÃO, Mário; MENDES, Patrícia Marques; SARRAZOLA, Alexandre; MACEDO, Marta; BETTENCOURT, José; CARVALHO, Rui; FREITAS, Teresa (2016) – Single Events and century-scale evolution of the northern margin of the Tagus river multidisciplinary approach to a natural and anthropic sediment record. *Estudos do Quaternário 14*, pp. 92-104.

COSTA, Leonor Freire (1997) – *Naus e Galeões da Ribeira de Lisboa. A Construção Naval no século XVI para a Rota do Cabo*. Cascais: Patrimónia Histórica.

COSTA, Leonor Freire (1994) – Carpinteiros e Calafates da Ribeira das Naus. Um Olhar sobre a Lisboa de Quinhentos, *Penélope. Fazer e Desfazer História*, 13.

DURÃO, Vítor (2012) – Análise Urbana de Territórios Construídos. Os Aterros na Baixa e na Frente Ribeirinha de Lisboa, Portugal. *Revista da Gestão Costeira Integrada*, 12 (1), pp. 17-30.

- FABIÃO, Carlos (2009) – Cetárias, ânforas e sal: a exploração de recursos marinhos na Lusitânia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, Oeiras, pp. 555-594.
- FONSECA, Cristóvão; BETTENCOURT, José; BRAZÃO, Alexandre; CHOUZENOUX, Christelle; PINTO, Marco; SILVA, Tiago; CARVALHO, Patrícia; COELHO, Inês Pinto; FREIRE, Jorge (2016a) – Boa Vista 1 and Boa Vista 2: first data on two Early Modern ships discovered in Lisbon (Portugal). In NEGUERUELA MARTÍNEZ, Ivan; CASTILLO BELINCHÓN, Rocío; RECIO SÁNCHEZ, Pablo (eds.) – *Proceedings of the 5th International Congress on Underwater Archaeology. A heritage for mankind*. Cartagena: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, pp. 957-967.
- FONSECA, Cristóvão; BETTENCOURT, José; QUILHÓ, Teresa (2013) – “Entalhes, mechas e cavilhas: evidências de um navio romano na Praça D. Luís I (Lisboa)”. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César (eds.) – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1185-1191.
- FONSECA, Cristóvão; MIGUEZ, João; BETTENCOURT, José; QUILHÓ, Teresa; SIMÃO, Inês; MATEUS, Mariana; FREITAS, Teresa (2017) – Portas de madeira reutilizadas em cofragens de época Pombalina (Campo das Cebolas, Lisboa). In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea (coords.) – *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1873-1889.
- FONSECA, Cristóvão; QUILHÓ, Teresa; BETTENCOURT, José (2016b) – A ship’s timber from D. Luís I Square (Lisbon, Portugal): rare evidence of a Roman ship in the Portuguese coast? In NEGUERUELA MARTÍNEZ, Ivan; CASTILLO BELINCHÓN, Rocío; RECIO SÁNCHEZ, Pablo (eds.) – *Proceedings of the 5th International Congress on Underwater Archaeology. A heritage for mankind*. Cartagena: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, pp. 659-660.
- GOMES, Alexandra (2014) – *Os Caes do sítio da Boavista no século XVIII: estudo arqueológico de estruturas portuárias*. Tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- MACEDO, Marta; SILVA, Inês Mendes da; LOPES, Gonçalo Correia; BETTENCOURT, José (2017) – A Dimensão Marítima do Boqueirão do Duro (Santos, Lisboa) nos Séculos XVIII e XIX: Primeiros Resultados Arqueológicos. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea (coords.) – *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1915-1924.
- MARQUES, João; SANTOS, Vítor (2000) – Acompanhamento das Obras do Metropolitano de Lisboa: Intervenção Arqueológica na Avenida da Ribeira das Naus. In *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (20 – 23 de Fevereiro de 1997)*. Almada: Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus. (col. Monografias – Arqueologia), pp. 165-176.
- NASCIMENTO, Rui (2013) – Ribeira das Naus hoje: a perene relação de Lisboa com o Tejo : dos estaleiros navais do Renascimento ao antigo Arsenal da Marinha: subsídios da arqueologia. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José (coords.) – *Velhos e novos mundos: estudos de arqueologia moderna*. Lisboa: Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar, p. 627-632.
- NEVES, César; MARTINS, Andrea; LOPES, Gonçalo; BLOT, Maria Luísa (2013) – Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio (Lisboa): identificação de vestígios arqueológicos de natureza portuária num subsolo urbana. In TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José (coords.) – *Velhos e novos mundos: estudos de arqueologia moderna*. Lisboa: Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar, p. 613-626.
- PARREIRA, Jorge; MACEDO, Marta (2013) – O fundeadouro romano da Praça D. Luís I. In Congresso de 150 Anos Associação dos Arqueólogos Portugueses. In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 747-754.
- PARREIRA, Jorge; MACEDO, Marta (2016) – Lusitanian Amphorae and Transport Coarse from the Roman Anchorage of Praça D. Luís I (Portugal). In PINTO, Inês Vaz; ALMEIDA, Rui; MARTIN, Archer (eds.), *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*. Exeter: Archaeopress (col. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, n.º 10), pp. 167 -171.
- POLÓNIA, Amélia (2008) – “The Northwestern Portuguese Seaport System in the Early Modern Age”. In BERGHOLM, Tapio, FISCHER, Lewis R., TONIZZI, Elisabetta (coord.) – *Making Global and Local Connections: Historical Perspectives on Ports, Research in Maritime History series No. 35*. Newfoundland, pp. 113-136.
- POLÓNIA, Amélia (2010) – European Seaports in the Early Modern Age: concepts, methodology and models of analysis. *Cahiers de la Méditerranée*, 80, pp. 17-39.
- PONCE, Mónica; MACEDO, Marta Lacasta; SARRAZOLA, Alexandre e FREITAS, Teresa Alves de (2017) – A rampa dos escaletes reais da Cordoaria Nacional: primeiros sinais do fim do império. In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel e SILVA, Rodrigo Banha da (coords.) – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma Cidade em Escavação*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 423-429.
- QUARESMA, José Carlos; SILVA, Rodrigo Banha da; BETTENCOURT, José; FONSECA, Cristóvão; SARRAZOLA, Alexandre; CARVALHO, Rui (2017) – As ânforas romanas da Nova Sede da EDP (Lisboa). In ARNAUD, J.; MARTINS, A. (coords.) – *Arqueologia Urbana*

logia em Portugal. 2017 – Estado da Questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1305-1315.

RIBEIRO, Ricardo Ávila; NETO, Nuno; REBELO, Paulo; ROCHA, Miguel (2017) – Dados preliminares de uma Intervenção arqueológica nos antigos Armazéns Sommer (2014-2015). Três mil anos de História da cidade de Lisboa. In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da (coords.) – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma Cidade em Escavação*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 222-245.

ROCHA, Artur; REPREZAS, Jéssica; MIGUEZ, João; CORREIA, Joana (2013) – Edifício Sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1011-1018.

RODRIGUES, Paulo (2002) – Étude de la charpente transversale du navire de Cais do Sodré de la 2<sup>ème</sup> moitié du XV<sup>e</sup> siècle / début du XVI<sup>e</sup>. Tese de Mestrado apresentada na Université de Paris I – Sorbonne: Université de Paris I – Sorbonne.

RODRIGUES, Paulo; ALVES, Francisco; RIETH, Éric; CASTRO, Filipe (2001) – L'épave d'un navire de la deuxième moitié du XV<sup>ème</sup> siècle / début du XVI<sup>ème</sup> siècle, trouvée au Cais do Sodré (Lisbonne). Note préliminaire. In ALVES, Francisco (ed.) – *Proceedings. International Symposium on Archaeology of Medieval and Modern Ships of Iberian-Atlantic Tradition. Hull remains, manuscripts and ethnographic sources: a comparative approach*. Trabalhos de Arqueologia, 18. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 347-380.

ROSA, Ana; RAMOS, Rui; SILVA, Tiago; BETTENCOURT, José; SILVA, Inês; FREITAS, Teresa (no prelo) – Novos dados para o conhecimento das actividades portuárias no eixo ribeirinho de Lisboa (séculos XVII-XIX): síntese dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos durante a construção do Hospital CUF Tejo. *Actas do II Encontro de Arqueologia de Lisboa*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML.

SANTOS, Maria João (2006) – O Largo Vitorino Damásio (Santos-o-Velho, Lisboa: contributo para a história da zona ribeirinha de Lisboa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9: 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 369-399.

SANTOS, Ana dos (2015) – A Terra Sigillata e a cerâmica de cozinha africana do Edifício Sede do Banco de Portugal (Lisboa) (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SARRAZOLA, Alexandre; BETTENCOURT, José; TEIXEIRA, André (2013) – Lisboa Ribeirinha: evidências arqueológicas de uma vocação marítima milenar. *RP – Revista Património*, nº 1. Lisboa: DGPC, pp. 141-146.

SARRAZOLA, Alexandre; BETTENCOURT, José; TEIXEIRA, André (2014) – Lisboa, o Tejo e a Expansão Portuguesa: os mais recentes achados arqueológicos da Lisboa Ribeirinha. In *O Tempo Resgatado ao Mar. Catálogo da Exposição*. Lisboa: Imprensa-Nacional Casa da Moeda e Museu Nacional de Arqueologia, pp. 111-116.

SILVA, Manuel Fialho (2017) – *Mutação urbana na Lisboa medieval: das Taifas a D. Dinis*. Tese de Doutoramento na especialidade de História Medieval, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

SIMÃO, Inês; MIGUEZ, João; MACEDO, Marta; FREITAS, Teresa; FONSECA, Cristóvão e BETTENCOURT, José (2017) – “Da Ribeira Velha ao Campo das Cebolas. Alguns dados sobre a evolução da frente ribeirinha de Lisboa”, in ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea (coords.) – *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1901-1913.

VALE, Ana (2015) – A intervenção arqueológica no Largo do Corpo Santo e a Ribeira de Lisboa no século XVI. In Teixeira, André; Villada Paredes, Fernando; Silva, Rodrigo Banha da (coord.) – *Lisboa 1415 Ceuta: historia de dos cidades – história de duas cidades*. Ciudad Autónoma de Ceuta / Consejería de Educación y Cultura / Câmara Municipal de Lisboa / Direção Municipal de Cultura / Departamento de Património Cultural, pp. 162-165.



